PORTO ARTE
Revista de Artes Visuais

v.27 n.47
Set 2023
e-ISSN: 2179-8001

Magliani: alfabeto para gritar em silêncio

Magliani: alphabet to scream silently

Neiva Maria Fonseca Bohns
Universidade Federal de Pelotas
ORCID: 0000-0002-7300-3240

Resumo

O artigo analisa a trajetória, o processo criativo e aspectos da produção de Maria Lídia Magliani (1946-2012), uma artista com uma produção marcada pela presença da figura feminina e seus embates na sociedade contemporânea.

Palavras-chaves

Maria Lídia Magliani. Artista negra. Condição feminina. Pintura.

Abstract

This article analyzes the trajectory, the creative process and aspects of the production of Maria Lídia Magliani (1946-2012), an artist with a production marked by the presence of the female figure and their clashes in contemporary society.

Keywords

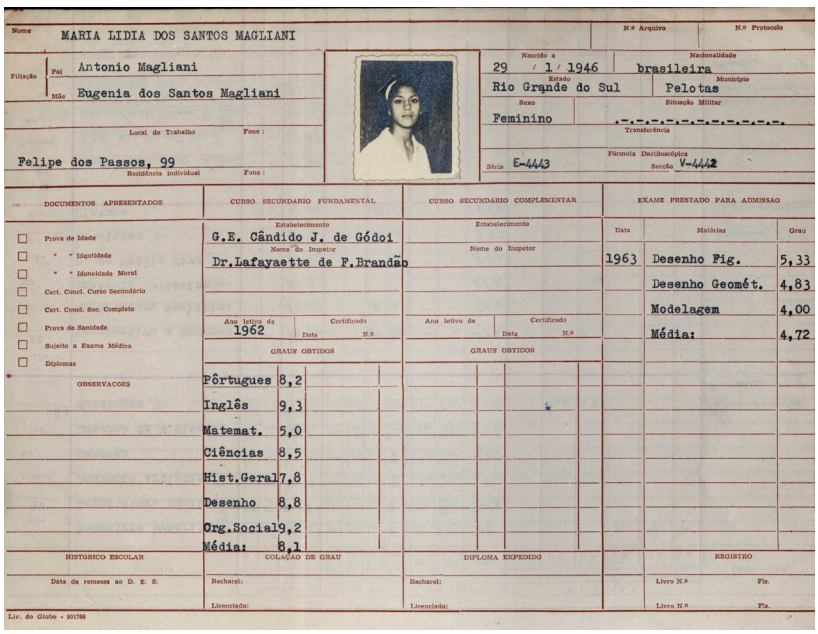
Maria Lídia Magliani. Black artist. Feminine condition. Painting.

PORTO ARTE
Revista de Artes Visuais

v.27 n.47
Set 2023
e-ISSN: 2179-8001

Maria Lídia Magliani (Pelotas, 1946 - Rio de Janeiro, 2012) desde a adolescência gostava de ler, de ouvir música, de ir ao cinema, ao teatro, de desenhar e de pintar. Menina pobre, nascida na cidade de Pelotas, extremo sul do Brasil, guardava lembranças da casa grande, onde morou nos primeiros anos de vida, e dos vestidos de organdi suíço que usava em ocasiões especiais. Era filha de um servidor público e de uma empregada doméstica que trabalhava para uma outra família.[1] Teve dois irmãos, Antônio e Maria da Graça, que demonstravam forte talento musical. O avô paterno de Magliani, italiano de nascimento, era pintor de paredes decorativas e executava frisos e florais em diversos estilos. Esse avô criava marionetes e contava histórias para a neta primogênita.[2]

A família mudou-se de Pelotas para a periferia de Porto Alegre no início da década de 1950, quando Maria Lídia tinha cerca de quatro anos de idade. Como legítima brasileira, vivendo da adversidade – para lembrar Hélio Oiticica –, aos dezessete anos, a jovem de rara inteligência ingressou na Escola de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com o apoio do incansável pai, que confeccionava telas de pintura com sacos de farinha e açúcar.[3]



Nome: MARIA LIDIA DOS SANTOS MAGLIANI
N.º Arquivo | N.º Protocolo
Filiação — Pai: Antonio Magliani; Mãe: Eugenia dos Santos Magliani
Nascido a: 29 / 1 / 1946 | Nacionalidade: brasileira
Estado: Rio Grande do Sul | Município: Pelotas
Sexo: Feminino | Situação Militar | Transferência
Local de Trabalho | Fone:
Residência individual: Felipe dos Passos, 99 | Fone:
Fórmula Datiloscópica | Série: E-4443 | Secção: V-4442

DOCUMENTOS APRESENTADOS	CURSO SECUNDÁRIO FUNDAMENTAL	CURSO SECUNDÁRIO COMPLEMENTAR	EXAME PRESTADO PARA ADMISSÃO
☐ Prova de Idade	Estabelecimento: G.E. Cândido J. de Gódoi	Estabelecimento	Data: 1963
☐ " " Identidade	Nome do Inspetor: Dr.Lafayaette de F.Brandão	Nome do Inspetor	Matérias / Grau: Desenho Fig. 5,33
☐ " " Idoneidade Moral			Desenho Geomét. 4,83
☐ Cert. Concl. Curso Secundário			Modelagem 4,00
☐ Cert. Concl. Sec. Completo			Média: 4,72
☐ Prova de Sanidade	Ano letivo da: 1962	Ano letivo da	
☐ Sujeito a Exame Médico	Certificado: Data	Certificado: Data	
☐ Diplomas	GRAUS OBTIDOS	GRAUS OBTIDOS	
OBSERVAÇÕES	Pôrtugues 8,2		
	Inglês 9,3		
	Matemat. 5,0		
	Ciências 8,5		
	Hist.Geral 7,8		
	Desenho 8,8		
	Org.Social 9,2		
	Média: 8,1		

HISTÓRICO ESCOLAR — Data de remessa ao D. E. S.
COLAÇÃO DE GRAU — Bacharel: — Licenciado:
DIPLOMA EXPEDIDO — Bacharel: — Licenciado:
REGISTRO — Livro N.º Fls. — Livro N.º Fls.
Liv. do Globo - 601798

FIG. 1:
Ficha de matrícula de Maria Lidia Magliani no Instituto de Belas Artes (1963)
Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes

1 Depoimento de Sérgio Laforet à autora, em 28 de agosto de 2018, em Pelotas, RS.

2 Rosa, Renato. Magliani: trajetória no Mercado de Arte. Rio de Janeiro, 2018. (texto inédito)

3 Rosa, Renato. Idem. Ibidem.

PORTO ARTE
Revista de Artes Visuais

v.27 n.47
Set 2023
e-ISSN: 2179-8001

Estimulada a seguir carreira por alguns de seus colegas e professores, sua primeira mostra, em Porto Alegre, no ano de 1966, contou com um texto de apresentação de Ado Malagoli, artista, professor e incentivador de muitos jovens estudantes, que se tornariam grandes referências no sul e em todo país.[4] A primeira exposição de Magliani aconteceu na Galeria Espaço, no bairro Menino Deus, mantida por um grupo de arquitetos e assessorada por Vasco Prado e Zoravia Bettiol.[5] Estava dado o pontapé inicial para uma carreira promissora.

A partir de então, Magli, como era carinhosamente chamada pelos amigos, começou a participar de Salões de Arte e de exposições coletivas na Galeria do Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB) e na Galeria Leopoldina, que se situava no Teatro Leopoldina, e era dirigida por Emília Schneider Marvão. Naquele contexto, Magliani (que, para complementar o orçamento doméstico, também trabalhava como secretária da Galeria Leopoldina), era uma das artistas que mais atraiam o interesse do nascente mercado de arte local.[6]

Durante toda a década de 1960 deu seguimento aos estudos, aperfeiçoando-se em pintura e realizando formação pedagógica. Na mesma época, ingressou no curso de Filosofia. Mais tarde se interessaria por gravura, em especial litografia, que aprendeu frequentando o Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre no final da década de 1960 e início da década de 1970. Também faria esculturas, embora nunca tenha abandonado o amor pela pintura. De acordo com Renato Rosa, "(...) durante o período que transcorreu entre de 1966 e 1980, Magliani nunca deixou de pintar e, à medida que o tempo passava, sempre foi solicitada pelo então ainda nascente mercado de arte local. A produção da artista sempre foi absorvida pelo circuito de arte."[7]

Logo seu trabalho estaria circulando em outras partes do país. Viveria em Porto Alegre até 1980, quando, no auge de seu sucesso como artista, decidiu mudar-se para São Paulo.

4 Magliani não foi a única artista mulher que, em seus relatos, menciona o incentivo recebido de Ado Malagoli. Antes dela, Alice Soares (1917-2005), Alice Brueggmann (1917-2001) e Cristina Balbão (1917-2007) já tinham sido incentivadas a montar seus ateliês e seguir carreira artística. Mas Maria Lídia Magliani foi a primeira aluna negra a se formar na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

5 Rosa, Renato. Idem. Ibidem.

6 Idem. Ibidem.

7 Rosa, Renato. Idem. Ibidem.

PORTO ARTE

Revista de Artes Visuais

v.27 n.47
Set 2023
e-ISSN: 2179-8001



MAGLIANI, Maria Lídia (Pelotas, RS, 1946 – Rio de Janeiro, RJ, 2012)

FIG. 2: Objetos de Cena, 1976
Óleo sobre tela, 53 × 40 cm
Doação Renato Rosa
Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul – MACRS
Porto Alegre, RS, Brasil



FIG. 3: Anotações para uma estória – Personagem, 1976
Óleo sobre tela, 54,5 × 41 cm
Doação da artista, 1976
Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS
Porto Alegre, RS, Brasil
MAGLIANI,

PORTO ARTE

Revista de Artes Visuais

v.27 n.47
Set 2023
e-ISSN: 2179-8001



Maria Lídia
(Pelotas, RS, 1946 –
Rio de Janeiro, RJ, 2012)

FIG. 4:
Anotações para
uma estória –
Personagem, 1976
Óleo e colagem sobre
aglomerado
de madeira,
60 × 50 cm



FIG. 5:
Ela, 1977
Lápis de cera e lápis
de cor sobre papel,
59,5 × 49,7 cm
Doação da artista, 1978
Museu de Arte do
Rio Grande do Sul
– MARGS
Porto Alegre, RS, Brasil

PORTO ARTE
Revista de Artes Visuais

v.27 n.47
Set 2023
e-ISSN: 2179-8001

Magliani foi dessas artistas apegadas a uma figuração de alta carga expressiva, feita de substância psicológica densa, que traz à luz aquilo que é imperceptível aos observadores que se fixam apenas nas aparências das coisas. Representar os objetos que, comodamente, se submetem aos caprichos dos artistas, é um feito menor. Difícil mesmo é captar, nos homens, nas mulheres, nas crianças e nos bichos, justamente aquilo que há de mais fugidio e imaterial: o estado de espírito.

O processo criativo de Magliani tinha essa potência vulcânica, como uma espécie de descarga psicológica de alta voltagem, controlada pela sensibilidade poética. Olhando-se retrospectivamente o conjunto de sua obra gráfica e pictórica, a força do gesto sobre o suporte e o embate com as matérias são características constantes. Impossível não perceber, especialmente na série das figuras sentadas, o parentesco com a estética adotada pelo artista irlandês Francis Bacon (1909-1992). Mas se em Bacon as imagens mais marcantes mostram figuras masculinas cujos corpos, às vezes dilacerados, revelam a tensão entre o mundo das convenções sociais e o mundo das pulsões reprimidas, em Magliani o foco principal incide sobre a representação do corpo feminino.

MAGLIANI, Maria Lídia (Pelotas, RS, 1946 – Rio de Janeiro, RJ, 2012)



FIG. 6: Encontros numa esquina, 1980
Litografia sobre papel, 70 x 50 cm
Coleção particular
Porto Alegre, RS, Brasil
Créditos: Giovanni Ramos



FIG. 7: Brinquedos de armar, 1980
Litografia sobre papel, 70 x 50 cm
Coleção particular
Porto Alegre, RS, Brasil
Créditos: Giovanni Ramos

PORTO ARTE
Revista de Artes Visuais

v.27 n.47
Set 2023
e-ISSN: 2179-8001

Como muitos comentadores observaram – e é riquíssima a fortuna crítica da artista – os corpos que figuram nos seus desenhos e pinturas são retratos da condição humana. Enquanto vivemos, estamos condicionados a circunstâncias sobre as quais não temos controle. É preferencialmente o corpo da mulher que se apresenta fragmentado, retorcido, violentado. Os volumes do corpo feminino, muitas vezes com seus membros amputados, são álibis para a experiência gráfica e pictórica.

Inquieta e versátil, para além da intensa atuação com artes visuais, Magliani também trabalhou como atriz. E soube escolher muito bem seus personagens e seus colegas de trabalho. Em 1969, atuou na peça "*As Criadas*", de Jean Genet, com direção de Miguel Grant, no teatro-garagem Aldeia II. Da encenação, que contava com um coro de atores negros, participaram, entre outros,o músico Giba-Giba, a atriz Araci Esteves e Renato Rosa. Em 1970, atuou na peça "*La celestina*", de Fernando Rojas, com produção e direção de Luiz Arthur Nunes. No ano seguinte representou o personagem principal no musical infantil "*O negrinho do pastoreiro*", de Delmar Mancuso, adaptado do conto de Simões Lopes Neto, e encenado no palco do Theatro São Pedro, em Porto Alegre.[8]

Interessante pensar numa artista de tamanha carga expressiva, cujos desenhos e pinturas se agigantavam diante dos observadores, emprestando seu corpo e sua voz para encarnar uma das mais tristes figuras da literatura regionalista do sul do Brasil, que traduz, sob forma literária, a violência com que os escravos negros eram tratados pelos estancieiros.[9] Deve ter sido uma experiência altamente catártica a de Magliani, ao viver, através do teatro, uma situação de opressão que tem um final surpreendentemente feliz, embora mítico. Nada mais

8 Vide: MAGLIANI. Uma troca: teu olho – minha mão. Porto Alegre, 2018. Multipalco Eva Sopher, Estúdio Dezenove, Bienal do Mercosul. Folder de exposição de artes visuais.

9 Lenda oriunda da cultura popular, *Negrinho do Pastoreio* foi coletada e transcrita pelo escritor João Simões Lopes Neto (1865-1916) e se tornou uma obra literária que sintetiza o sofrimento dos negros escravizados no sul do Brasil. Conta a lenda que um menino negro,ao retornar do pastoreio, foi acusado de ter perdido um cavalo. Mesmo tendo sido barbaramente chicoteado pelo dono da fazenda, não conseguiu reaver o animal. O homem, para castigá-lo, prendeu-o num formigueiro – um relato que revela a injustiça, a covardia e crueldade praticada contra um menino indefeso. No outro dia, contudo, foi avistado, milagrosamente, sem ferimentos, e montado num cavalo baio. Reza a tradição popular, ainda muito viva no sul do Brasil, que o menino continua vagando pelos campos, e quem perder alguma coisa deve fazer um pedido ao negrinho e acender uma vela.

PORTO ARTE

Revista de Artes Visuais

v.27 n.47
Set 2023
e-ISSN: 2179-8001

significativo do que a imagem do menino negro, finalmente liberto da violência do seu explorador, que cavalga livremente pelos campos.

Magliani também foi cenógrafa, assinou figurinos, e concebeu o material visual de espetáculos teatrais. E, ao seu modo, militou em prol da defesa dos direitos civis e da liberdade de expressão. Trabalhou, em 1970, como cenógrafa e figurinista ao lado de Elton Manganelli, para o espetáculo "*Não saia da faixa de segurança*", de Carlos Carvalho e Francisco Aron, que deveria ter sido exibido no Teatro Aldeia II, mas foi proibido pela censura. Em 1972, fez o cenário para a montagem de "*Calígula*", de Camus, apresentada no Teatro de Arena, em Porto Alegre. Elton Manganelli dá o seguinte depoimento sobre esse período: "bem diferente das suas criações plásticas, Magliani era debochada e divertida. Gostava de fazer palhaçadas. Eu e ela éramos dois *clowns*. Mas às vezes ela ficava com o olhar melancólico, triste, amargo."[10]

As escolhas estéticas de Magliani, tanto nas artes plásticas como na literatura e no teatro, sempre estiveram pautadas pelo alto nível de exigência, pela qualidade artística, pela força expressiva, e pelo vanguardismo. Sob esse ponto de vista, sua contribuição intelectual talvez seja muito maior do que seus contemporâneos conseguiram perceber. Em 1972, sob direção do dramaturgo e diretor Ivo Bender, atuou na montagem de *Antígona*, de Sófocles. No elenco estavam, entre outros, Romanita Disconzi, Vaniá Brown, e Caio Fernando Abreu. Seu personagem era Tirésias, o advinho cego. Segundo depoimento do dramaturgo Ivo Bender,

> (...) a ideia era compor o adivinho como um vidente de candomblé. Magliani aceitou a incumbência e logo percebi o acerto da escolha. A peça foi encenada sobre um longo tapete vermelho, no espaço sagrado de um templo Rosa Cruz. Magliani, como atriz, era intuitiva e muito disciplinada. Sua figura e interpretação foram o momento mais impactante do espetáculo.[11]

Data dessa época a afinidade afetiva que desenvolveu com Caio Fernando Abreu (1948-1996), que viria a se tornar um dos mais importantes poetas e escritores do Rio Grande do Sul. Amigos inseparáveis, no auge da juventude chamavam a atenção dos transeuntes da Rua da Praia,

10 MANGANELLI, Elton. Depoimento à autora em 12 de novembro de 2018.

11 Vide: https://www.estudiodezenove.com/cronologia.html

PORTO ARTE

Revista de Artes Visuais

v.27 n.47
Set 2023
e-ISSN: 2179-8001

em Porto Alegre, quando caminhavam alegremente, anunciando novos tempos de abertura política e de liberdade de expressão.

Elton Manganelli guarda na lembrança esta visão: "ela, de cabelo Black Power alaranjado, roupas pretas e coladas no corpo esguio, colete à la Pierre Cardin, mãos dadas com Caio Fernando Abreu. Apaixonados."[12] A amizade fraterna com Caio Fernando Abreu duraria até a morte do escritor, falecido precocemente, em decorrência da terrível epidemia de AIDS, que dizimou centenas de pessoas ligadas ao mundo da arte e da cultura. Numa carta datada de 1991, escrita em Londres, o amigo lhe diria:

> Anteontem, fui ver a exposição de Egon Schiele. Fiquei deslumbrado principalmente com os auto-retratos. Maria Lídia dos Santos Magliani Lispector Lessing Woolf do Amaral Garibaldi: eles SANGRAM. São tão pungentes. Tem uns Klimts também muito bonitos, mas perto do Schiele são róseos demais. Eu não queria ir embora, fiquei todo arrepiado. É um tipo de pintura que parece punk, e o cara morreu em 1918.[13]

Ilustrações em xilogravura para o livro "O círculo do suicida", de Eduardo San Martin

MAGLIANI, Maria Lídia (Pelotas, RS, 1946 – Rio de Janeiro, RJ, 2012)

FIG. 8:
Sem título, 1980
Série *O Círculo do Suicida*
Gravura em linóleo, 14 x 13,5 cm
Créditos: Giovanni Ramos

FIG. 9:
Sem título, 1980
Série *O Círculo do Suicida*
Gravura em linóleo, 17 x 10 cm
Créditos: Giovanni Ramos





12 MANGANELLI, Elton. Depoimento à autora em 12 de novembro de 2018.

13 ABREU, Caio Fernando. Cartas a Maria Lídia Magliani. Disponível em: http://caiofabreu.blogspot.com/2010/09/maria-lidia-magliani-1946.html

PORTO ARTE
Revista de Artes Visuais

v.27 n.47
Set 2023
e-ISSN: 2179-8001

Durante o período em que viveu no sul, Magliani trabalhou intensamente como capista, ilustradora e diagramadora de livros e revistas. Suas ilustrações foram publicadas entre 1972 e 1979 nos jornais Zero Hora, Diário de Notícias e Folha da Manhã, em Porto Alegre.



FIG. 10: MAGLIANI, Maria Lídia (Pelotas, RS, 1946 – Rio de Janeiro, RJ, 2012) Brinquedo de armar, 1978 Óleo sobre tela, 72 × 58,5 cm Doação da artista, 1979 Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS Porto Alegre, RS, Brasil

Em maio de 1978, em pleno período de abertura política, uma exposição de Magliani intitulada "*Brinquedo de armar",* com desenhos e pinturas, foi apresentada na Galeria Independência, em Porto Alegre. No folder de apresentação da mostra, Sérgius Gonzaga dizia:

> (...) a arte de Magliani tem a densidade de um pesadelo opressivo. Nos tons predominantemente escuros de seus desenhos e óleos vão se avolumando figuras femininas disformes, decepadas, torturadas por metais que se cravam na carne, atadas e reprimidas por fios que aprisionam o corpo e a alma. Como num circo de horrores, as imagens no espelho assustam, afligem. (...)[14]

No mesmo folder, outro texto, do famoso jurista e comunicador José Paulo Bisol, muito atuante em Porto Alegre, assinalava o momento político do qual estávamos saindo naquele período, marcado pelo autoritarismo e pela restrição das liberdades individuais:

> (...) É por isso que eu digo, cara, o terror humano não se confunde com a violência animal. O desumano não é um regresso à condição

14 MAGLIANI. Brinquedo de armar. Desenho e pintura. Galeria Independência, Porto Alegre, 1978. Folder de exposição de arte.

PORTO ARTE

Revista de Artes Visuais

v.27 n.47
Set 2023
e-ISSN: 2179-8001

> animal; é um modo humano de ser mau, um modo que os animais não conhecem. A violência animal, como a humana, introduz uma injustiça, mas não há nada dentro dela que se pareça com a possibilidade de se conhecer a si mesma. Nosso terror, ao contrário, antes de ser violência em ato é violência na interioridade de uma consciência. (...)[15]

Com o passar do tempo, o "marasmo" de Porto Alegre – para usar uma expressão muito cara a Iberê Camargo – tornou-se um problema. Sentia necessidade de um ritmo mais acelerado. Seu vínculo com o centro do país fortaleceu-se de tal forma que acabou por transferir residência para São Paulo. Segundo a artista, "tinha muitos amigos por lá, participava de muitas exposições e era bastante solicitada. Então, o melhor era ir morar em São Paulo." [16]

Na capital paulista trabalhou como ilustradora para o *Folhetim*, encarte semanal do jornal Folha de São Paulo. Na década de 1980, seu trabalho foi exposto em São Paulo e em Porto Alegre em grandes painéis (do tipo *outdoors*) colocados nos espaços públicos. Também participou da 18ª Bienal de São Paulo, que teve curadoria de Sheila Leirner, no núcleo *Expressionismo no Brasil: Heranças e* Afinidades, assim como de diversas edições do *Panorama da Arte Brasileira*, no Museu de Arte Moderna de São Paulo.[17]

No início do ano de 1987 Magliani fez uma exposição no MARGS, com o título de "*Auto-retrato dentro da jaula*." No folder, cuidadosamente produzido, constavam reproduções em cores de algumas obras, texto de apresentação de Evelyn Ioschpe, então diretora da instituição, além de um texto da própria artista. Dizia Evelyn:



FIG. 11:
Cartaz da exposição "Autorretrato Dentro da Jaula" MARGS, 12 de março a 5 de abril de 1987

> Penso ser este o tema da pintora: a descoberta da máscara. Se num trecho do percurso ela a explica, pode adiante dispensá-la. A máscara cai, caem os limites estritos da tela retangular, cai por terra a bidimensionalidade e, por trás da máscara, resta apenas o que é essência humana: a cruel, a irônica, a trágica essência humana.(...). [18]

15 Vide: MAGLIANI. Brinquedo de armar. Desenho e pintura. Galeria Independência, Porto Alegre, 1978. Folder de exposição de arte.

16 Depoimento da artista. Diário Popular, 24 de novembro de 1987. Sessão Educação e Cultura, p. 21.

17 Vide: MAGLIANI. Uma troca: teu olho – minha mão. Porto Alegre, 2018. Multipalco Eva Sopher, Estúdio Dezenove, Bienal do Mercosul. Folder de exposição de artes visuais.

18 MARGS, março de 1987. Catálogo de exposição de artes visuais.

PORTO ARTE
Revista de Artes Visuais

v.27 n.47
Set 2023
e-ISSN: 2179-8001

Naquela ocasião, expôs desenhos e pinturas cheias de um vigor intenso e corrosivo. Na pintura que dá nome à mostra, as pinceladas seguem movimentos circulares, gerando um corpo inconformado, instável, dinâmico, que deixa revelar uma identidade em constante convulsão. Um corpo de mulher (que parece carregar outro corpo em formação), reagindo furiosamente às determinações externas, como uma fera enjaulada, lança um grito que nunca cessa. A boca aberta, os membros agitados de uma criatura que sofre, carregando outra criatura que terá o mesmo destino.

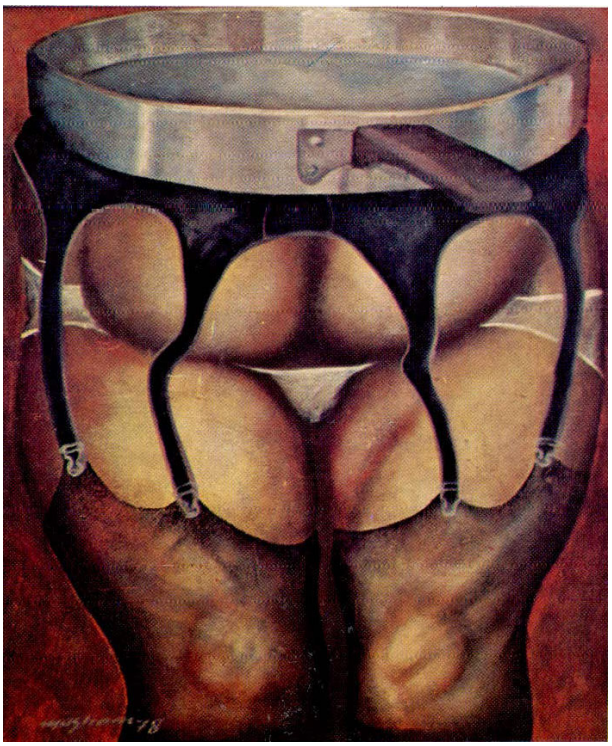


FIG. 12: Cartaz da exposição MAGLIANI, Maria Lídia (Pelotas, RS, 1946 – Rio de Janeiro, RJ, 2012) ELA, 1978 Óleo sobre tela, 73 × 60 cm Imagem retirada do catálogo da exposição

Noutra pintura da mesma exposição, a artista faz um retrato da subalternidade da mulher na sociedade contemporânea. Usando recursos plástico-visuais que vem do expressionismo, do surrealismo e do dadaísmo, consegue associar magistralmente duas referências fundamentais na maneira como o raciocínio machista continua a tratar as mulheres: o apelo carnal, representado pelo fragmento de corpo (que mostra pernas com cinta-liga e uma barriga flácida encobrindo parcialmente uma calcinha que envolve a genitália) encimado por uma frigideira vazia. Pintura de humor ácido e forte apelo sexual, evoca simultaneamente os prazeres da cama e da mesa, sempre à disposição do mundo masculino.

PORTO ARTE
Revista de Artes Visuais

v.27 n.47
Set 2023
e-ISSN: 2179-8001





Estudos para capas de livros para a Editora da UFRGS, década de 1980

MAGLIANI, Maria Lídia (Pelotas, RS, 1946 – Rio de Janeiro, RJ, 2012)

Na década de 1980 a Galeria Tina Presser, em Porto Alegre, realizou inúmeras exposições da artista. Em 1987, "*Discussões com Deus*", apresentava o resultado do trabalho desenvolvido nos últimos dois anos, baseado numa série de estudos de observação da figura sentada. Dizia a artista:

> (...) o que me interessa no trabalho atual é a descoberta constante das possibilidades da pintura e seus diversos meios e materiais, induzindo a novos modos de perceber dentro e fora do quadro; a investigação, a reinvenção das formas e das cores. Meu trabalho é duvidar e começar de novo, fazer e desfazer à imagem e semelhança das minhas indagações e descobertas, aprender/apreender, procurar o meu alfabeto dentro desta linguagem. [19]

No mesmo ano de 1987, o jornal Zero Hora registrava o aquecimento do mercado de arte em Porto Alegre, citando o sucesso de vendas, que teve até lista de espera, da mostra de Magliani na Galeria Tina Presser.[20]Com exposição de temática semelhante, a artista retornava à Galeria Van Gogh, em Pelotas, no ano de 1987. Nesta época, o crítico Nelson Abott de Freitas descrevia Magliani como uma mulher simpática, descontraída, espirituosa e alegre. Com um tipo físico franzino, sua aparência contrastava com as volumosas figuras das suas pinturas e

FIG. 13:
Sem título,
[década de 1980]
Acrílica sobre papelão,
50 × 38,9 cm

FIG. 14:
Sem título,
[década de 1980]
Acrílica sobre papelão,
50 × 39 cm

19 MAGLIANI. Galeria Tina Presser, 1987. Folder de exposição de artes visuais.

20 Vide Jornal Zero Hora, 14 de abrl de 1987, s/pg.

PORTO ARTE
Revista de Artes Visuais

v.27 n.47
Set 2023
e-ISSN: 2179-8001

desenhos. [21] O crítico, que a considerava "uma artista de verdade, que põe sangue, alma, nervos, razão, entrega total, em sua pintura e em seu desenho, que explodem de arejamento e vigor",orgulhava-se de privar da sua amizade.[22]O artista José Luiz de Pellegrin, a propósito da força expressiva de seu trabalho, comenta:

> (...) como vários artistas do (neo)expressionismo, Magliani carregava o espírito da época. Mas ela tinha uma coerência e um vigor muito singulares, e suas figuras sempre tiveram algum mistério, fosse pela androgenia ou pelo estranhamento de uma máscara forte. No começo, era mais mórbido e melancólico. Depois a cor virou alegria, ainda que perversa.[23]



FIG. 15: MAGLIANI, Maria Lídia (Pelotas, RS, 1946 – Rio de Janeiro, RJ, 2012)
Sem título, 1988
Óleo sobre cartão, 60 x 60 cm
Coleção particular
Porto Alegre, RS, Brasil
Créditos: Giovanni Ramos

No final da década de 1980, a antiga *Fundapel* (atual Secult[24]), em Pelotas, realizou exposição, organizada por Sérgio Laforet, com obras de Iberê Camargo, Magliani e Lenir de Miranda, três artistas cujas obras gráficas e pictóricas se assemelham no vigor e na tendência expressionista. É interessante pensar, diante de todos os acontecimentos que se sucederam ao longo dos anos, como, de fato, as obras desses três artistas gaúchos se relacionam entre si. Todos adotaram, por

21 VIDE: Diário Popular, Pelotas, 24 de novembro de 1987. Sessão Educação e Cultura, p. 21.

22 Idem. Ibidem.

23 Depoimento de José Luiz de Pellegrin à autora, em 03 de novembro de 2018.

24 Secretaria da Cultura.

PORTO ARTE
Revista de Artes Visuais

v.27 n.47
Set 2023
e-ISSN: 2179-8001

razões distintas, linguagens herdadas da corrente expressionista, que, no Rio Grande do Sul, teve especial aceitação em diferentes grupos de artistas. Essa força gestual não se esgotou no campo artístico contemporâneo, e está presente na obra de inúmeros representantes das novas gerações, incluindo os que adotaram as performances e as instalações como principais linguagens de trabalho.

Em 1989 Magliani estava novamente em Pelotas, para uma exposição na Galeria Municipal de Arte.Na ocasião, confessou estar cansada de viver em São Paulo, que considerava uma cidade muito violenta, barulhenta e poluída. Manifestou então o desejo de mudar para uma aldeia, um lugar pequeno, no interior do país. Estava decidida a viver no interior de Minas Gerais. Tinha planos de fazer pinturas maiores e de se iniciar na escultura.[25]Durante o período em que viveu em Tiradentes, interior de Minas Gerais, de 1990 a 1996, sua obra recuperou o lirismo inicial, dos tempos estudantis, e se impregnou dos tons da terra e do silêncio interrompido pelo canto dos pássaros. Nessa época seu trabalho foi muito marcado pela produção de esculturas e de objetos feitos com papel maché. [26]

Em 1990, a Galeria Van Gogh, em Pelotas, realizou uma exposição individual, organizada pelo marchand Sérgio Laforet, com esculturas e pinturas de Magliani. Antes disso, a mesma galeria já tinha reunido, em exposição memorável, obras de Iberê Camargo, Karin Lambrecht, Michael Chapman, Lenir de Miranda, Renato Heuser e Fernando Baril.[27] Em setembro de 1991, outra exposição de Magliani, com desenhos, pinturas e esculturas, acontecia na Galeria Firenze, em Pelotas.

25 FREITAS, Nelson Abott de. Diário Popular. Caderno Variedades. 10 de setembro de 1999, pg. 7.

26 Vide: MAGLIANI. Uma troca: teu olho – minha mão. Porto Alegre, 2018. Multipalco Eva Sopher, Estúdio Dezenove, Bienal do Mercosul. Folder de exposição de artes visuais.

27 Vide FREITAS, Nelson Abott de. Diário Popular, 18.11.1990, pg. 07.

PORTO ARTE
Revista de Artes Visuais

v.27 n.47
Set 2023
e-ISSN: 2179-8001



FIG. 16:
MAGLIANI, Maria Lídia (Pelotas, RS, 1946 – Rio de Janeiro, RJ, 2012)
Em Gerais, 1990
Pigmentos naturais sobre papel, 37 x 51 cm
Coleção particular
Porto Alegre, RS, Brasil
Créditos: Giovanni Ramos

O idílio mineiro não durou muito tempo. Em 1996, a artista mudaria residência para o Rio de Janeiro, dividindo o espaço de trabalho com Júlio Castro, colega e amigo que viria a ser o principal guardião de sua obra, após seu falecimento. No bairro carioca de Santa Tereza, tipicamente artístico, repleto de ateliês, viveu seus últimos anos, ajudando a manter vivo o trabalho do Estúdio Dezenove.

Suas exposições no sul do Brasil, entretanto, mantinham-se constantes. Em 1992, mais uma exposição de Magliani, com o título de "*Na madrugada insone*" era apresentada na Galeria Tina Zappoli. Nessa época seu trabalho assumia um viés muito denso, com traços depressivos. Em abril de 1996, a mesma Galeria Tina Zappoli promovia exposição coletiva com obras de Iberê Camargo, Magliani, entre outros, e o jornal Correio do Povo publicava matéria assinada por Régis Pizzato sobre a promissora situação das artes plásticas no Brasil e no Rio Grande do Sul. [28]

28 PIZZATO, Régis. A busca por uma definição da arte. Jornal Correio do Povo. Caderno Variedades, 07.04.1996, pg.17.

PORTO ARTE
Revista de Artes Visuais

v.27 n.47
Set 2023
e-ISSN: 2179-8001

No final da década de 1990, a galeria Tina Zappoli apresentou a exposição coletiva intitulada "*Arquétipos*", na qual pinturas e desenhos de Magliani eram apresentadas ao lado de obras de Iberê Camargo e Xico Stockinger. Nesta ocasião, a artista retornava ao Rio Grande do Sul depois de morar cerca de vinte anos entre São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro.[29]

Nos últimos anos de vida, Magliani enfrentou, simultaneamente, a perda de amigos queridos, o agravamento de problemas de saúde – sofria de doença cardíaca – a crise no mercado de artes, e a depressão causada pelo isolamento. Como sempre foi uma profissional autônoma, não tinha direitos trabalhistas, como aposentadoria, ou plano de saúde. Morava num quarto de pensão no bairro de Santa Tereza, e trabalhava no Estúdio Dezenove, onde exercia diferentes funções.



FIG. 17:
Detalhe da exposição "Procura-se", 2012
https://www.estudiodezenove.com/procura-se.html

A exposição "*Procura-se*", do Estúdio Dezenove, no ano de 2012, pouco antes da morte da artista, apresentava gravuras e pinturas de Magliani com a mesma densidade de sempre. Mas desta feita, as imagens pareciam estar em busca de uma conciliação interna. Algo como se uma calmaria premonitória tivesse finalmente inundado as figuras torturadas, trazendo algum alento. No texto de apresentação, Rubens Pillegi Sá escrevia, com pertinência:

> (...) Magliani, ao trocar o rosto de ninguém por um bule amassado, por um pano enrolado, ou outra coisa qualquer, nos faz pensar sobre a

29 Vide Jornal Zero Hora, Segundo Caderno, 19 de agosto de 1999, pg. 06.

PORTO ARTE
Revista de Artes Visuais

v.27 n.47
Set 2023
e-ISSN: 2179-8001

> condição imposta não mais ao tolo, ao imbecil, mas a todos nós. Pois há em todos nós o dilema que é o de não ter como fugir e, ao mesmo tempo, não poder deixar de correr (...).[30]

Nos últimos anos de vida, contou com o apoio e a companhia de alguns amigos fiéis, mas muitas vezes preferiu a solidão – suprema garantia de liberdade. Faleceu no Rio de Janeiro, em 2012. Para celebrar a trajetória da artista, foi apresentada a mostra retrospectiva *Magliani – a solidão do corpo*, com curadoria de Renato Rosa, na Pinacoteca Aldo Locatelli, Paço Municipal, em Porto Alegre, em maio de 2013.



FIG. 18: Exposição "A Solidão do Corpo" com curadoria de Renato Rosa Pinacoteca Aldo Locatelli, Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre, RS Foto: Fernando Zago

Júlio Castro, que acompanhou Magliani nos últimos anos vividos no Rio de Janeiro, testemunhou sua rara capacidade de atuar em várias áreas, deixando uma obra rica e multifacetada, no teatro, na pintura, na gravura, na escultura e nas redações de jornal, como ilustradora e diagramadora. Com o objetivo de promover o trabalho da artista, a partir de 2013, o Estúdio Dezenove constituiu um núcleo de referência de sua obra, que conta com um acervo documental organizado para acesso do público.[31]

Despojada e inquieta, Magliani não acumulou riquezas materiais durante toda sua vida de intenso trabalho. Ignorou os bens de consumo, tão cobiçados pela sociedade capitalista. Tampouco constituiu família,

30 Vide: SÁ, Rubens Pileggi. Entre extremos. In: MAGLIANI. Procura-se. Rio de Janeiro: Estúdio Dezenove, 2012. Catálogo de arte.

31 Vide: MAGLIANI. Uma troca: teu olho – minha mão. Porto Alegre, 2018. Multipalco Eva Sopher, Estúdio Dezenove, Bienal do Mercosul. Folder de exposição de artes visuais.

PORTO ARTE
Revista de Artes Visuais

v.27 n.47
Set 2023
e-ISSN: 2179-8001

no conceito mais convencional que podemos dar a esse termo. Seu principal legado, o conjunto de sua obra, segue íntegro e coerente.Sua filosofia de vida, cumprida rigorosamente até o fim, sem qualquer tipo de apego material, era “viver e deixar viver”. [32]



FIG. 19: MAGLIANI, Maria Lídia (Pelotas, RS, 1946 – Rio de Janeiro, RJ, 2012) Sem título [Estudo para capa do Boletim Informativo do MARGS N. 32 — Jan.Fev. Março/1987], 1986 Guache sobre papel, 25,5 × 19,5 cm Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS Porto Alegre, RS, Brasil

32 Vide: STIGGER, Ivo. Magliani. Perfil. Revista ZH, 10 de setembro de 1989.

PORTO ARTE

Revista de Artes Visuais

v.27 n.47
Set 2023
e-ISSN: 2179-8001

FIG. 20.1 & 20.2: Entrevista de Maria Lídia Magliani a João Carlos Tiburski no Boletim Informativo do MARGS N. 32 — Jan. Fev.Março/1987, p. 2-5



Entrevista

MEU IDIOMA É A IMAGEM

Foto: Chou Dorneles

Magliani

Artistas como Thomas Mann e Picasso já disseram muitas vezes que a arte é uma poderosa arma contra a mentira, o ódio, a violência, a estupidez e a falta de dignidade do homem. A arte de Magliani, pode ser definida como uma arte-arma empenhada nesta luta.
Esta entrevista foi elaborada ouvindo o público que visitou a mostra "AUTO-RETRATO DENTRO DA JAULA" de Magliani, no MARGS.

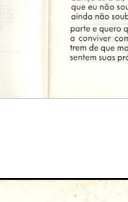
João Carlos Tiburski
Editor

2

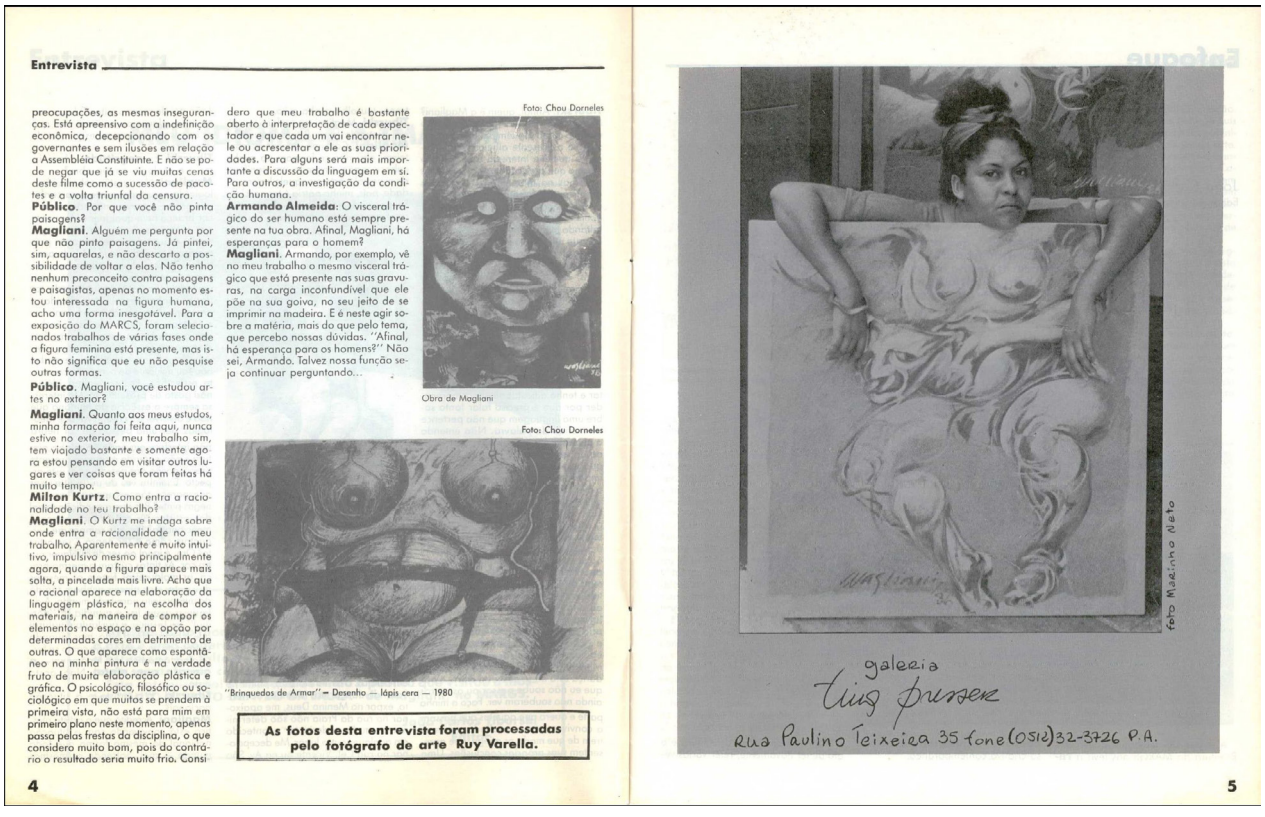
Entrevista

Tiburski. Afinal, quem é a Magliani?
Magliani. A maior parte do tempo me vejo como alguém em descompasso com o presente alheio. Nem sempre o que me interessa e ocupa é o mesmo que preocupa as pessoas mais próximas no momento. Isto provoca desencontros freqüentes, arestas difíceis de aparar. Mas não sei como me definir deste ou daquele jeito. Ficariam faltando muitos "eus" que não conheço, que ainda não encontrei. Não vejo nada de extraordinário nisto, suponho que aconteça com todos. Para alguns, os obstáculos são maiores ou menores, mais ou menos duradouros; os objetivos, mais ou menos definidos. Não separo o artista da pessoa. Sou toda um mesmo nó — minha escolha é pintar, não saberia como **ser** de outro modo. Aparentemente fiz e faço muitas outras coisas, na verdade, todas partes de um só, **a pintura**. Tudo o que quero neste momento é pintar e tenho dificuldade em compreender por que é preciso falar tanto sobre uma linguagem que não pertence ao mundo da palavra. Não entendo a necessidade da palavra autenticando ou explicando a imagem, uma linguagem dependendo de outra. Acho importante quando falam sobre o que o meu trabalho move em cada um, independente de sua cultura ou formação. Sou eu que estou querendo perguntar, não explicar. Não sou eu que tenho as respostas, mas talvez cada um de nós encontre a sua, desde que se ouça e continue se perguntando sempre. Prefiro ouvir, saber como os demais estão vendo e saber em que sentido ou medida estou acrescentando ou não. Meu idioma é a imagem, a forma, a procura de um alfabeto próprio através do cor. O que eu penso e elaboro está no meu trabalho, o que eu tentar decodificar é redundância. Minha palavra é minha música, minha dança está aí; se não está claro, é por que eu não soube passar ou os outros ainda não souberam ver. Faço a minha parte e quero que aquelas que passam a conviver com o resultado me mostrem de que modo os atinge, que apresentem suas próprias conclusões. Uma troca: teu olho-minha mão.
Tiburski. Magliani, como foi o teu início, pintando lá no Bairro Sarandi?
Magliani. Costumo ignorar as fronteiras, elas não se formam na minha cabeça e não empresto um significado especial a este ou aquele bairro, cidade, país, minha pátria é ter nascido. Sei pouco demais sobre o planeta para afirmar que pertença a ele. Sou natural de todas as estrelas que posso ver e minha curiosidade é conhecer o outro lado delas. Ter começado a andar em Pelotas, a ler na Floresta, pintar no Sarandi, dançar nos Moinhos de Vento, expor no Menino Deus, me apaixonar na rua da Praia não são determinantes, tudo poderia ter acontecido em qualquer outro lugar. Me decepcionar na rua Cel. Vicente ou na Av. São João dói do mesmo jeito. O lugar sou eu em qualquer parte, é em mim que as coisas acontecem ou esquecem de acontecer
Tiburski. E a **negritude**, a feminismo e a ecologia na tua obra?
Magliani. Na questão sobre a ideologia da negritude, existe uma confusão grave: o movimento não nega a cor branca nem qualquer outra, apenas afirma os direitos da raça negra ainda esquecidos, mesmo num país mestiço e reivindica a igualdade para todas as raças. Meu trabalho expressa ou pretende expressar a mim como um todo, logo, estão incluídas nele, todas as minhas descobertas, dúvidas e preocupações — também o feminismo, a ecologia e a negritude. Estão incluídos com todas as coisas que me formaram até aqui, mas não estou interessada em fazer panfleto de nada, não sou militante de nenhum movimento específico. Pratico minhas idéias, não gosto de proselitismo. Me interessa sempre a essência do humano que não é divisível em credos, raças e ideologias. Ser uma pessoa de cor negra não interfere em nada na minha pintura e não entendo a sempre presente preocupação das pessoas com este aspecto. É minha vez de perguntar: por que parece tão excepcional que um negro pinte? Por que a condição racial dos artistas de cor branca nunca é mencionada? Por que sempre me perguntam como é ser negra e ser artista? Ora, é igual ao ser de qualquer outra cor. As tintas custam o mesmo preço, os moldureiros fazem os mesmos descontos e os pincéis acabam rápido do mesmo jeito para todo mundo. A diferença quem faz é a mídia. É "normal" ser branco, e portanto é natural que o branco faça tudo, mas, quando se trata de um negro, age como se fosse algo fantástico, um fenômeno — **o macaco que pinta**! Não gosto disto.
Tiburski. E o artista e a situação nacional?
Magliani. Acredito que o artista plástico está convivendo com a situação nacional da mesma forma que todo mundo — mal. Sofrendo as mesmas

Foto: Chou Dorneles



"Ilustração II" — 1981
Folhetim — Folha de SP



Entrevista

preocupações, as mesmas inseguranças. Está apreensivo com a indefinição econômica, decepcionando com os governantes e sem ilusões em relação a Assembléia Constituinte. E não se pode negar que já se viu muitas cenas deste filme como a sucessão de pacotes e a volta triunfal da censura.
Público. Por que você não pinta paisagens?
Magliani. Alguém me pergunta por que não pinto paisagens. Já pintei, sim, aquarelas, e não descarto a possibilidade de voltar a elas. Não tenho nenhum preconceito contra paisagens e paisagistas, apenas no momento estou interessada na figura humana, acho uma forma inesgotável. Para a exposição do MARGS, foram selecionados trabalhos de várias fases onde a figura feminina está presente, mas isto não significa que eu não pesquise outras formas.
Público. Magliani, você estudou artes no exterior?
Magliani. Quanto aos meus estudos, minha formação foi feita aqui, nunca estive no exterior, meu trabalho sim, tem viajado bastante e somente agora estou pensando em visitar outros lugares e ver coisas que foram feitas há muito tempo.
Milton Kurtz. Como entra a racionalidade no teu trabalho?
Magliani. O Kurtz me indaga sobre onde entra a racionalidade no meu trabalho. Aparentemente é muito intuitivo, impulsivo mesmo principalmente agora, quando a figura aparece mais solta, a pincelada mais livre. Acho que o racional aparece na elaboração da linguagem plástica, na escolha dos materiais, na maneira de compor os elementos no espaço e na opção por determinadas cores em detrimento de outras. O que aparece como espontâneo na minha pintura é na verdade fruto de muita elaboração plástica e gráfica. O psicológico, filosófico ou sociológico em que muitos se prendem à primeira vista, não está para mim em primeiro plano neste momento, apenas passa pelas frestas da disciplina, o que considero muito bom, pois do contrário o resultado seria muito frio. Considero que meu trabalho é bastante aberto à interpretação de cada expectador e que cada um vai encontrar nele ou acrescentar a ele as suas prioridades. Para alguns será mais importante a discussão da linguagem em si. Para outros, a investigação da condição humana.
Armando Almeida: O visceral trágico do ser humano está sempre presente na tua obra. Afinal, Magliani, há esperanças para o homem?
Magliani. Armando, por exemplo, vê no meu trabalho o mesmo visceral trágico que está presente nas suas gravuras, na carga inconfundível que ele põe na sua goiva, no seu jeito de se imprimir na madeira. E é neste agir sobre a matéria, mais do que pelo tema, que percebo nossas dúvidas. "Afinal, há esperança para os homens?" Não sei, Armando. Talvez nossa função seja continuar perguntando...

Foto: Chou Dorneles

Obra de Magliani

Foto: Chou Dorneles

"Brinquedos de Armar" — Desenho — lápis cera — 1980

As fotos desta entrevista foram processadas pelo fotógrafo de arte Ruy Varella.

4

5

PORTO ARTE

Revista de Artes Visuais

v.27 n.47
Set 2023
e-ISSN: 2179-8001

Magliani incomodava-se quando sofria discriminação "benevolente", em que as pessoas se admiram com a capacidade artística dos negros, como se fosse algo extraordinário. Em entrevista a João Carlos Tiburski em 1987, com indisfarçável irritação, diria:

> Ser uma pessoa de cor negra não interfere em nada na minha pintura. Eu não entendo a sempre presente preocupação de pessoas com este aspecto. É minha vez de perguntar por que parece tão excepcional que um negro pinte? Por que a condição social de artistas de cor branca nunca é mencionada? Por que sempre me perguntam como é ser negro e ser artista? Ora, é igual o ser de qualquer outra cor. As tintas custam o mesmo preço, os moldureiros fazem os mesmos descontos e os pincéis acabam rápido do mesmo jeito para todo o mundo. A diferença quem faz é a mídia. É 'normal' ser branco e, portanto, é natural que o branco faça tudo, mas quando se trata de um negro, agem como se fosse algo fantástico, um fenômeno – o macaco que pinta! Não gosto disto.[33]

Falando sobre os problemas do Brasil, Magliani tinha a consciência de que a tarefa de melhorar o país é coletiva.[34] No silêncio do seu ateliê, sempre produziu imagens fortes, de grande profundidade reflexiva, que não cessam de gritar, e podem provocar distintos sentimentos nos espectadores, mas nunca aquela calma anestesiante das obras de arte que aliviam as nossas culpas. Estamos, por certo, encerrados na mesma jaula, diria a artista.

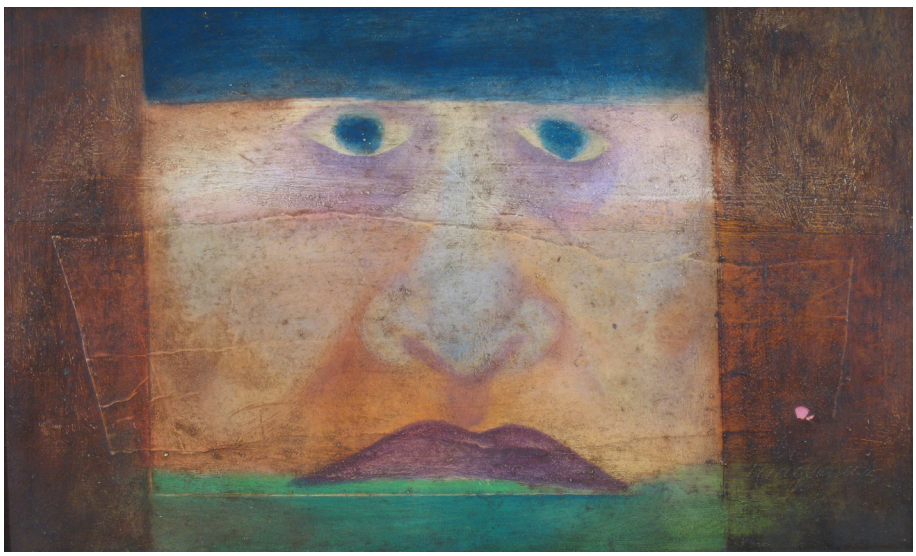


FIG. 21:
MAGLIANI, Maria Lídia (Pelotas, RS, 1946 – Rio de Janeiro, RJ, 2012)
Anotações para uma estória – Out-door, 1975
Óleo e colagem sobre aglomerado de madeira, 21 × 34 cm

33 Magliani em entrevista a João Carlos Tiburski publicada no Boletim Informativo do MARGS, n. 32 jan/nov – 1987.

34 Vide: STIGGER, Ivo. Magliani. Perfil. Revista ZH, 10 de setembro de 1989.

PORTO ARTE
Revista de Artes Visuais

v.27 n.47
Set 2023
e-ISSN: 2179-8001

Em Magliani, o que se expõe não é tão-somente a obra artística. É a própria artista, como num ritual inesgotável e autofágico de sacrifício pessoal. Um ato de amor e de entrega tão alimentado pelo humanismo, que não terminou na morte. O conjunto da sua obra funciona como um tratado sobre a existência humana, independentemente da raça, do credo ou da condição social. É como se aquelas figuras, cheias de densidade, fixadas nas pinturas e nos desenhos, que ficaram por tanto tempo nos sucessivos ateliês da artista, nas paredes das casas dos amigos e dos colecionadores, nas reservas técnicas das galerias e nos acervos dos museus, recuperassem a voz. Talvez tenha chegado a hora de ouvi-las novamente.

REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. Cartas a Maria Lídia Magliani. Disponível em: http://caiofabreu.blogspot.com/2010/09/maria-lidia-magliani_1946.html

CASTRO, Júlio. In: MAGLIANI. Uma troca:teu olho – minha mão. Porto Alegre, 2018. Multipalco Eva Sopher, Estúdio Dezenove, Bienal do Mercosul. Folder de exposição de artes visuais.

Diário Popular, 24 de novembro de 1987. Sessão Educação e Cultura, p. 21. Pelotas, RS.

FREITAS, Nelson Abott de. Diário Popular, Caderno Variedades. 18 de novembro de 1990, pg. 07. Pelotas, RS.

FREITAS, Nelson Abott de. Diário Popular. Caderno Variedades. 10 de setembro de 1999, pg. 07. Pelotas, RS.

Jornal Correio do Povo. Caderno Variedades, 07 de abril de 1996, pg.17. Porto Alegre, RS.

Jornal Zero Hora, 14 de abril de 1987, s/pg.Porto Alegre, RS.

Jornal Zero Hora, Segundo Caderno, 19 de agosto de 1999, pg. 06. Porto Alegre, RS.

LAFORET, Sérgio. Depoimento de Sérgio Laforet para a autora, em28 de agosto de 2018, no foyer do Teatro Guarany, em Pelotas, RS.

PORTO ARTE
Revista de Artes Visuais

v.27 n.47
Set 2023
e-ISSN: 2179-8001

MAGLIANI, Maria Lídia. Entrevista a João Carlos Tiburski publicada no Boletim Informativo do MARGS, n_ 32 jan/nov.1987.

MAGLIANI. Auto-retrato dentro da jaula. MARGS, Porto Alegre, março de 1987. Catálogo de exposição de artes visuais.

MAGLIANI. Brinquedo de armar. Desenho e pintura. Galeria Independência, Porto Alegre, 1978. Folder de exposição de artes visuais.

MAGLIANI. Galeria Tina Presser, 1987. Folder de exposição de artes visuais.

MANGANELLI, Elton. Depoimento à autora em 12 de novembro de 2018.

MELLO DA COSTA, Fernando. Depoimento à autora em 04 de novembro de 2018.

NICOLAIEWSKY, Alfredo. Depoimento à autora em 27 de outubro de 2018, em Porto Alegre, RS.

PELLEGRIN, José Luis. Depoimento à autora, em 03 de novembro de 2018, em Pelotas, RS.

PIZZATO, Régis. A busca por uma definição da arte. Jornal Correio do Povo. Caderno Variedades, 07.04.1996, pg.17.

Rosa, Renato. Magliani: trajetória no Mercado de Arte. Rio de Janeiro, 2018. (texto inédito)

ROSA, Renato. Texto publicado no site da L&PM.

SÁ, Rubens Pileggi. Entre extremos. In: MAGLIANI. Procura-se. Rio de Janeiro: Estúdio Dezenove, 2012. Catálogo de arte.

STIGGER, Ivo. Magliani. Perfil. Revista ZH, 10 de setembro de 1989.

https://www.estudiodezenove.com/cronologia.html

PORTO ARTE
Revista de Artes Visuais

v.27 n.47
Set 2023
e-ISSN: 2179-8001

NEIVA MARIA FONSECA BOHNS

Endereço para acessar CV: http://lattes.cnpq.br/5991390147950572

Mestre e Doutora em História, Teoria e Crítica das Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. Docente e pesquisadora do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, RS, Brasil, onde exerce o cargo de Professora Associada IV. Ministra disciplinas de arte contemporânea, arte brasileira e arte no Rio Grande do Sul. Tem experiência nas áreas de metodologia da pesquisa em artes e metodologia do ensino de artes. Atua como crítica e curadora de Artes Visuais. Membro do CBHA (Comitê Brasileiro de História da Arte), da ABCA (Associação Brasileira de Críticos de Arte) e da ANPAP (Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas). Diretora Cultural da Fundação Vera Chaves Barcellos (FVCB), Viamão, RS. Membro do Comitê de Curadoria e Acervo do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul. Representante no Colegiado Setorial de Artes Visuais da Secretaria do Estado da Cultura do RS. Coordenadora local do XXXIX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte, realizado em Pelotas, RS.

Como citar: Fonseca Bohns, N. M. (2023). Magliani: alfabeto para gritar em silêncio. *PORTO ARTE: Revista De Artes Visuais (Qualis A2), 27*(47).

Doi: https://doi.org/10.22456/2179-8001.136304